

UMA DAS MAIORES EPOPÉIAS DA HISTÓRIA DO BRASIL

ANATÓLIO ALVES DE ASSIS, MAJOR PM QOR

Do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Resumo: *O Autor narra a marcha empreendida, durante a Guerra do Paraguai, por um corpo de tropa, do qual constava um contingente da Polícia Militar de Minas Gerais, ao qual o Visconde de Taunay denominou "Bela Brigada Mineira". Narra, ainda, os percalços e as dificuldades enfrentadas pela tropa durante os dois anos que durou a marcha, e que considera uma das maiores façanhas militares da História do Brasil.*

Todas as nações cantam suas glórias militares, realçando os fatos e os momentos mais importantes de sua História. Se tomarmos como exemplo a Grécia Antiga, vamos encontrar, ao lado de outros tantos eventos realmente fantásticos, a Retirada dos Dez Mil, de que nos fala o general e historiador ateniense Xenofonte, que comandou os gregos na retirada da Ásia Menor, após perderem a Batalha de Cunaxa (404 a.C.).

Já a Inglaterra, que foi dona do mundo, enriqueceu sua história com notáveis proezas militares, como a Carga da Brigada Ligeira, durante a Guerra da Criméia, no século XIX.

No que se refere aos Estados Unidos da América, a nação mais poderosa da face da terra e que ostenta feitos militares notáveis, apresentam como grande façanha a resistência dos texanos em Álamo, durante a conquista do Texas, ao México, logo depois de 1836.

O Brasil também foi protagonista de um episódio à altura da Carga da Brigada Ligeira e da heroicidade do Álamo: a marcha fantástica encetada pela assim chamada "Bela Brigada Mineira", quando da Guerra do Paraguai, e em cujo bojo estava um contingente da Polícia Militar de Minas. Foi uma odisséia que durou dois anos, e à qual se seguiu a terrível Retirada da Laguna, que até hoje causa espanto a quem pesquisa a nossa História.

Reportemo-nos aos fatos: em dezembro de 1864, o Líder paraguaio Francisco Solano López invade a Província de Mato Grosso com um exército de quase dez mil soldados, sem prévia declaração de guerra. Em abril do ano seguinte, faz o mesmo com o Rio Grande

do Sul, não sem antes invadir a Argentina, à qual declarou guerra, visto o Governo de Buenos Aires não ter permitido que as tropas guaranis cruzassem o seu país, em face de sua posição de neutralidade.

Como o nosso Exército era pequeno em número de soldados e oficiais – apenas 13.000 homens –, o Imperador Pedro II assina o Decreto nº 3.371, datado de 7 de janeiro de 1865, convocando os Voluntários da Pátria. Como decorrência disso, em Ouro Preto, Capital da Província de Minas, formam-se dois Corpos, o 17º e o 18º, sendo este deslocado para combater no front sul.

No dia 10 de maio, na antiga Vila Rica, a força expedicionária da província, que mais tarde o grande biógrafo daqueles acontecimentos, o Visconde de Taunay, batizará como "A Bela Brigada Mineira", parte para operar no sul do Mato Grosso e no norte do Paraguai. Eis sua composição: o 21º Batalhão de Infantaria de Linha, do Exército, com 398 combatentes; o 17º Corpo de Voluntários da Pátria, com 637 homens; o Corpo Policial de Voluntários (Polícia Militar de Minas), com 266 legionários, além de um grupamento composto por figurantes da Guarda Nacional. O comando-geral da coluna é entregue ao Coronel José Antônio da Fonseca Galvão.

Seguiam a tropa carros de bois, com suprimentos, bestas de carga, carroções-ambulância, mulheres e crianças, esposas, companheiras e filhos dos Voluntários, não havendo informações sobre como tenha sido permitido que acompanhassem os soldados, fato absolutamente incomum na época.

Após cumprir um percurso de 102 léguas, a "Bela Brigada Mineira" entra na cidade de Uberaba, a 20 de junho seguinte. Toda a tropa fica acampada na localidade de Cachimbo, situada a três quartos de légua do perímetro urbano. A partir de então, a marcha para a fronteira paraguaia ficará na dependência da chegada das forças provenientes de São Paulo, que tardam pelos caminhos por culpa exclusiva de seu comandante (e que também será o comandante de toda a coluna expedicionária), Coronel Manuel Pedro Drago.

Sobre o episódio, eis o que nos diz o Visconde de Taunay, Tenente do Exército Permanente e membro da Comissão de Engenheiros e que integrava a Força:

"Dia 15 de abril. Às cinco horas da manhã partiu dos Dois Córregos a força, e às onze entrava na cidade de Campinas, tendo à frente sua Ex^a o Sr. Coronel-Comandante e o Estado-Maior, depois a Companhia de Cavalaria, em terceiro lugar o Corpo Policial de São Paulo e, finalmente, o do Paraná.

Durante a demora das forças nessa cidade, desertaram 25 praças da Companhia de Cavalaria, três do Corpo Policial de São Paulo e 18 da Guarnição da mesma província. O estado sanitário foi regular, tendo falecido seis praças, vítimas de "bexiga" (a temível varíola), trazida pelo Corpo de Artilharia do Amazonas, o qual ficou quase todo dizimado, escapando raras praças. Tal moléstia propagou-se lentamente, entretanto, acompanhou a força até a Vila de Monte Alegre, a 122 léguas do litoral, onde, por causa do recrudescimento, foi estabelecida uma enfermaria a cargo de um médico. Em Uberaba, as praças da brigada que veio de Minas foram quase todas vacinadas, medida que obstou terríveis, senão irreparáveis estragos no seio da expedição...

No dia 17 de junho marcou o comandante a partida para dois dias depois, em direção ao ponto de concentração dos contingentes de São Paulo e Minas Gerais: a Cidade de Uberaba; verificando-se, porém, a deserção de 46 praças de diferentes corpos, sendo necessário expedir alguns destacamentos para a captura dos criminosos..."

É o mesmo Taunay que volta a enfatizar o que realmente se passou em Campinas, quando, em uma de suas muitas obras a respeito dessa odisséia, esclarece:

"Compensação destes desenganos tivemos em Campinas, onde os dois meses e meio de estada (15 de abril a 20 de junho), 66 dias, constituíram série ininterrompida de festas, banquetes e recepções tais, que os jornais da Corte e a opinião pública se abalaram, chegando a falar em "Delícias de Cápua."

Entretanto, o mesmo Taunay deixou de consignar, em seus apontamentos, um fato muito importante, lembrado pelo General Paulo de Queiroz Duarte, em sua obra "Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai", volume 2, tomo III: "Na cidade de Campinas, a Coluna de São Paulo, a 15 de maio, incorporou o Corpo Fixo de Artilharia do Amazonas, com o diminuto efetivo de 33 homens."

Convém salientar que a "bexiga", levada para Uberaba pela coluna do Coronel Drago, resultou num terrível estrago para a cidade, que se transformou num vasto hospital, havendo grande número de mortos.

O General Queiroz ainda esclarece em seu trabalho: "Na coluna havia também uma bateria de 4 canhões La-Hitte, com a denominação de Corpo Provisório de Artilharia, remanescente do Corpo de Artilharia de Manaus, de onde viera, via Santos."

6 interessante notar que Taunay revela, em um de seus escritos, que o Corpo de Artilharia do Amazonas estava equipado n6o com quatro canh6es, mas com 12, dos quais oito ficaram em Coxim, 6s margens do Rio Taquari, quando a coluna dali se movimentou no dia 25 de abril de 1866, em dire76o 6 fronteira inimiga. Diz ainda que, durante a estada em Uberaba, 76 pra7as de diferentes corpos desertaram e 13 faleceram no per6odo de 18 de julho a 4 de setembro.

Completando suas observa76es, tamb6m nos informa o grande historiador que havia junto 6 coluna 375 mulheres, al6m das crian7as, na hora da partida, e tamb6m mascates, boiadeiros e outros elementos advent6cios. Ao todo, mais de 3.000 pessoas deixam Uberaba naquele 4 de setembro de 1866.

De duas brigadas 6 a composi76o da tropa. A primeira, sob o direto comando do Coronel Jos6 Ant6nio da Fonseca Galv6o, 6 formada pelo 216 Batalh6o de Linha do Ex6rcito Permanente, pelo 176 Corpo de Volunt6rios da P6tria e pelo Corpo de Artilharia do Amazonas. Ao todo, 1.301 homens, efetivo que s6 existe no papel, porquanto muitos soldados morreram ou desertaram.

A Brigada n6mero 2, chefiada pelo Tenente-Coronel Jos6 Mendes Guimarães, portugu6s de nascimento, 6 constitu6da pelos Corpos Pol6ciais de Minas e S6o Paulo, fundidos em uma 6nica unidade, com 313 combatentes, e pela Companhia de Cavalaria, al6m do 206 Batalh6o de Infantaria de Linha do Ex6rcito Permanente e outros Corpos de Volunt6rios da P6tria e da Guarda Nacional, que a todos esperam em Coxim (Mato Grosso), a fim de serem incorporados. Ao todo ser6o 1.410 legion6rios.

De Uberaba, as for7as expedicion6rias, num "salto" de 38 l6guas, cumprido em apenas 17 dias, chegam 6s margens do Rio Parana6ba, um valente curso d'6gua ainda hoje, 126 anos depois. Para atravess6-lo, a pr6pria tropa constr6i balsas e canoas que transportam, em oito dias, as carretas com v6veres e muni76es, os canh6es, os carros de bois, os soldados, as mulheres e as crian7as para o outro lado.

Partindo do Parana6ba a 29 de setembro, as for7as alcan7aram o volumoso Rio dos Bois a 8 de outubro, depois de um arranco de 22 l6guas. Constroem-se ent6o novas balsas e canoas para a travessia, consumindo esse trabalho nada menos que 13 dias.

No dia 18 de outubro, o Coronel Manuel Pedro Drago recebe ordem do Governo Imperial para retornar ao Rio de Janeiro, em vista de seu comando pouco eficiente. 6 substituido por Jos6 Ant6nio da Fonseca Galv6o que, por sua vez, 6 destitu6do do comando da Brigada N6mero 1, que passa a ter como comandante o 16 Tenente do Ex6rci-

to Permanente, comissionado em Tenente-Coronel no comando do 17º Corpo de Voluntários da Pátria, Gustavo Enéas da Fonseca Galvão, seu filho.

Nessa altura, a comida começa a faltar, além de chover muito, sinal de que há calor intenso durante o dia e frio à noite. Por outro lado, não há estradas, e as picadas são abertas pelo braço dos soldados.

No dia 31 de outubro de 1865, a coluna alcança a pequena povoação de Nossa Senhora do Rio Verde, em plena Província de Goiás, depois de marcha de 53 léguas a partir do Rio dos Bois, ali ficando durante três dias e partindo novamente a 4 de novembro.

Enquanto isso, a "bexiga" cobra o seu preço aos expedicionários. Toscas cruces à beira das picadas e dos caminhos marcam a derradeira morada de soldados, mulheres e crianças. E para completar todos os males, continua a chover sem parar e quase não há alimentos.

No dia 16 de novembro estão todos na Província de Mato Grosso, na localidade de Invernadinha, ressaltando-se que desde Nossa Senhora do Rio Verde até aqui verificou-se um "salto" de nada menos de 33 léguas. No dia 18 a marcha prossegue, sendo que a 30 de novembro estão todos juntos ao Rio Cascavel, oportunidade em que vencem 23 léguas. Para trás ficaram outros rios e cursos d'água: Olhos d'Água, Babilônia, Jacu, Jacobas, Buracão, Cabeceira Alta e Baús.

Agora a expedição já se encontra nas bacias hidrográficas dos rios Taquari e Paraguai. Segundo o Visconde de Taunay,

"O objetivo da nossa marcha havia sido a princípio Cuiabá, e por isso caminháramos para o norte. Em Santa Rita do Paranaíba, porém, o Coronel Manuel Pedro Drago recebera ordem expressa do Governo de deixar aquela direção e seguir para oeste, em rumo ao Distrito Militar de Miranda, na zona sul do Mato Grosso, ainda ocupada pelos paraguaios. Assim, pois, buscávamos o Coxim e, por isso, cortávamos de leste para oeste, e parte meridional de Goiás, planos todos errados."

Como se vê, na distante Corte do Rio de Janeiro, os burocratas decidem por um eixo de marcha que será responsável por uma grande tragédia.

A fome, o frio, a chuva e os maus tratos que assolam a coluna agora têm mais um aliado: o beribéri, uma doença mortal. No dia 7 de setembro, a força expedicionária atinge o Ribeirão da Pólvora e ali permanece no dia imediato, consagrado a Nossa Senhora da Conceição. A jornada recomeça 24 horas depois.

À vista de Coxim, as tropas acampam à margem do rio que dá nome à cidade e no dia seguinte seguem para a margem direita do Rio Taquari, onde são recebidos alegremente pelos oficiais da Brigada de Goiás, que ali estão faz nada menos que 90 dias.

No entanto, chove sem parar ainda, faltam víveres e a doença grassa. O Coronel José Antônio da Fonseca Galvão desespera-se sem saber o que fazer, pois quase diariamente chegam "avisos" do Ministério da Guerra, assinados pelo Marquês de Paranaguá, determinando que a tropa siga em frente a todo o vapor. No entanto, não há como seguir, pois naquele mês de janeiro de 1866, o sol brilha até o meio dia, mas a partir das três horas da tarde chegam as tempestades, acompanhadas por terríveis trovoadas e ventania ululante.

É Taunay quem nos diz que toda a tropa ficou acampada à margem direita do Rio Taquari, escalonada no espaço de uma légua, na seguinte ordem: Guarda da Vanguarda, Batalhão de Voluntários da Pátria de Goiás, Corpo Policial de Voluntários de Minas, Companhia de Cavalaria, Batalhão nº 21 do Exército Permanente, 17º Corpo de Voluntários da Pátria, Corpo de Artilharia do Amazonas, Repartições Diversas, Quartel General, Esquadrão de Cavalaria da Província de Goiás.

São ao todo 4.000 pessoas que estão acampadas: soldados, mulheres, crianças e elementos adventícios. Todos estão maltrapilhos e famintos, pois nada existe para comer, a não ser sal grosso e frutas silvestres que o comandante manda apanhar diariamente. E são esses mesmos soldados que irão lutar contra os paraguaios, arregimentados e aguerridos. O Presidente da Província de Goiás minora um pouco a difícil situação, enviando ao comandante da coluna algumas partidas de gado.

É praticamente impossível chegar aos rios Taboco e Miranda, pois até onde a vista alcança o que se vê é um mar de água doce. A chuva continua: chove em janeiro, em fevereiro e em março. Enquanto isso, o "beribéri", a "bexiga" e as diarréias continuam a fazer baixas.

Nessa altura, chega um novo Batalhão de Voluntários da Pátria de Goiás, que toma o número 16.

Por fim, já no mês de abril de 1866, como as chuvas começam a amainar, a tropa prepara-se para partir, o que acontece no dia 25. Antes da saída de Coxim, o Coronel Galvão, recentemente promovido a Brigadeiro por ato do Governo Imperial, toma uma medida extraordinária e melindrosa: do total de 12 canhões **raiad**os marca La Hitte, calibre 4, deixa 8 naquela povoação, por julgar ser impossível arrastá-los nos terríveis e pantanosos trechos que pretende atravessar. Quanto à manutenção de tais peças, ele conta com a competência de dois civis

excepcionais, um belga e um brasileiro, Wandervoert e Bento José Rodrigues.

Recorremos novamente a Taunay, que assim nos conta o que se passou, em *Dias de Guerra e de Sertão*:

“Percorrera esta (a coluna), com tempo excelente, a distância entre Coxim e o Rio Negro. A temperatura, relativamente resfriada e a fixidez da atmosfera pareciam pressagiar o final das trovoadas diárias e a entrada da estação seca, o que se chama, no interior, o inverno. Notícias repetidas davam como certa a descida das águas nos pantanais e toda confiança renascia de poderem, sem grandes estorvos, ser transpostos os terrenos alagados, que medeiam até o Rio Taboco, o qual pode ser considerado limite da grande zona encharcada, pois ali se alteiam as terras e é por isso denominado Boca do Pantanal”.

No dia 4 de maio as chuvas voltam a cair inesperadamente, com terrível força. Os terrenos firmes, onde todos se acham acampados, transformam-se em brejais; as águas cobrem todos os caminhos, e chegam a atingir a copa das árvores.

No começo de maio fazia exatamente um ano que as tropas mineiras haviam deixado Ouro Preto, e a força brasileira ainda está distante centenas de quilômetros da fronteira paraguaia, não tendo suportado, até então, todo o peso da desgraça. Agora, novamente, não há mais alimentos, e o comandante da tropa manda que se colham toneladas de jatobá, a única comida que existia, grassando ainda o “beribéri”, que faz estragos medonhos. Morre o Major Manoel Batista Ribeiro Faria, Comandante do Corpo de Voluntários da Pátria da Província de Goiás, da mesma forma que perecem outros infelizes. O antigo Coronel, agora Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão, cai enfermo, de vez que está debilitado pelo mau passado geral. A esse respeito, eis o que eu disse em meu livro *Pequena História da Guerra do Paraguai*:

“Entretanto, como Deus, o supremo árbitro de tudo que se passa nesse mundão desvairado, entendeu que o comandante deve morrer, ele morre. Como todos os outros será sepultado nas pestilentas margens do Rio Negro. A cerimônia da entrega de seu corpo ao seio da terra é lúgubre e comovente. Para tanto a tropa está formada. As bandas de música entoam peças fúnebres. O Tenente-Coronel Antônio Enéas Gustavo Galvão, filho do morto, com a voz embargada pela emoção, lê a “ordem-do-dia” alusiva

ao triste acontecimento. A artilharia, saudando o dia que morre nas asas do crep3sculo que avança timidamente por esses desertos imensos, troa surdamente. Os soldados da infantaria, esquel3ticos mas imp3vidos, manobram seus rifles Mini3 e cumprimentam, com suas descargas que explodem em un3ssono, o velho soldado que parte para sua derradeira viagem.

Todos est3o desolados, e na garganta de cada um – homens, mulheres e crianas – gargareja um soluço de emoção. Por fim, por entre as nuvens gr3vidas de chuva, tremeluz, err3tica e fugid3a, a primeira estrela dessa noite de agonia. Noite que sucede o dia 13 de junho daquele distante 1866.”

Assume o comando da tropa o Tenente-Coronel Joaquim Guimar3es, por antig3idade. Trata-se de um homem decidido e sabe que n3o pode voltar nem ficar indefinidamente 3s margens do Rio Negro. Ordena, ent3o, a retomada da marcha, embora tenha consci3ncia da temeridade que 3 enfrentar o terr3vel Pantanal, pelo qual ningu3m ainda transitara. No dia 24 de junho de 1866, retoma-se a caminhada, com a 3gua lodosa pelo peito. Os soldados que conduzem as carretas de artilharia, puxadas por muitas juntas de bois e tamb3m pelos pr3prios homens, fazem sacrif3cios medonhos. Os animais de tiro est3o exaustos e alguns morrem aos p3s de suas viaturas.

O Visconde de Taunay, testemunha da terr3vel jornada, em “Dias de Guerra e de Sert3o”, assim nos d3 horripilante vis3o de tudo que aconteceu:

“Foi necess3rio o arranco. A transposiç3o dos pantanais em dez dias, at3 o Rio Taboco, a chamada Boca do Pantanal, tornou-se coisa horrorosa. Caminharam os soldados dias inteiros com 3gua pela cintura; e, comeando o ardor do sol a secar os charcos, mais dif3cil se fez ainda romper atrav3s dos lameiros. Nas Corixas da Madre e da Cangalha em que o lodo n3o dava p3, muitos desventurados l3 ficaram para sempre atolados. O fr3gil estivado coberto de feixes de macega que ia sendo feito para a passagem do estado-maior e da testa da coluna n3o tardava a afundar com o peso do tr3nsito, de maneira que mulheres (e tamb3m crianas) e bagageiros tiveram de se meter numa lava visguenta, que serviu de t3mulo a muita gente, centenas de pessoas.

Contaram-se cenas pavorosas – uma desgraada mulher, por exemplo, a bradar por socorro com o filhinho nos braos e agarrada aos chifres de um boi, que ia sendo gradualmente sorvido pela voragem do lodo. E todo o grupo em breve desaparecera!...

Difícil é explicar como as quatro peças de artilharia com os seus armões e carros manchegos puderam se safar de intermináveis e medonhos caldeirões...

Afinal, havia a desgraçada coluna expedicionária alcançado o Rio Taboco, mas era coisa acima de qualquer fantástica descrição, o seu aspecto. Homens quase nus, esqueléticos, devorados pela fome, no último estágio de desalento e miséria, verdadeira tropa de bandidos maltrapilhos, como os sabia tão admiravelmente gravar o extraordinário Callot. É inacreditável como pudera aquela gente furar alagados imensos, pantanais intermináveis, cuja vasa anualmente depositada pelas inundações jamais havia sido revolvida. Também, quantos por lá ficaram? Sem exageração, entre soldados e mulheres, bagageiros, boiadeiros, isto é, tudo quanto constitui a impedimenta dos romanos, talvez houvesse morrido mais de 2.000 pessoas."

O que resta da coluna acampa às margens do Rio Taboco, onde chega o novo comandante da coluna, o Coronel de Engenheiros José Joaquim de Carvalho, expressamente enviado pelo Presidente da Província de Mato Grosso, diretamente de Cuiabá.

A primeira medida tomada pelo novo comandante é marchar na direção da Vila de Miranda, que está parcialmente em ruínas. Todavia, o ponto indicado seria Nioac, lugar salubérrimo e muito bem situado. Mas o Coronel Carvalho vacila,

"Alegava que tinha necessidade da aproximação do rio Miranda para dar seguimento aos seus projetos de vigiar a linha fluvial até Corumbá. Em todo caso decidiria, como melhor fosse, e a resolução foi que iria a coluna acampar no local piormente indicado."

O "beribéri" continua a fazer, a cada dia, mais vítimas. Não obstante a coluna continua a marchar e chega à Vila de Miranda. A esse respeito, assim me referi em publicação mais ou menos recente:

"Acontece que, como todo o mundo, o Coronel José Joaquim de Carvalho sabe que a Vila Miranda é um lugar pestífero, sendo, pois, à luz da razão o derradeiro local que, pelas características climáticas, seria indicado para o estacionamento das forças em marcha. Todavia, esse oficial é teimoso. Birrento, pirrônico. E como ele é o comandante faz dessa localidade o finca-pé e o novo ponto de parada dessa expedição infeliz."

A 17 de setembro, a tropa entra na Vila de Miranda, e ali fica acampada à beira do rio do mesmo nome. O local é sujo e lamacento, e até o final do ano morrem 400 pessoas.

Chegado na véspera, assume o comando da coluna, no dia 1º de janeiro de 1867, o Coronel Carlos de Morais Camisão. Toma medi-

das drásticas, dando nova organização às forças, unindo-as em uma só brigada, oportunidade em que o contingente do Corpo Policial de Voluntários (Polícia Militar de Minas) é integrado ao 21º Batalhão de Infantaria de Linha, do Exército, comandado pelo Major José Tomaz Gonçalves, conforme ofício número 59, datado de 22 de fevereiro de 1867 e expedido de Nioac pelo Coronel Camisão ao Presidente da Província de Minas, Dr. Joaquim Saldanha Marinho, nestes termos:

"Ilmo. e Exmo. Sr. — Cumpre-me comunicar a V.Exa, que considerando o estado de redução em que se achavam os corpos que compunham estas forças, quando de seu comando fui empossado, e atendendo à boa marcha do serviço dos mesmos corpos, maximé nas proximidades do inimigo, resolvi alterar provisoriamente até ulterior determinação do governo imperial a sua organização, pelo que extingui os comandos de brigada e mandei advir aos dois corpos de linha aqui existentes todos os oficiais e praças pertencentes aos de voluntários policiais e batalhão Goiano de voluntários, visto não comportar o pessoal de cada um d'elles a formação de um batalhão. Com a nova organização o corpo policial dessa província passou a fazer parte do batalhão nº 21 de infantaria..."

A partir desse documento, cai por terra a crença de que a Polícia Militar de Minas, na Guerra do Paraguai, era o 17º Corpo de Voluntários da Pátria, ou que combatíamos inseridos no mesmo.

No dia 21 de abril de 1867 a coluna atinge finalmente o Rio Apa, fronteira do Paraguai, abrindo-se aí mais uma página da Guerra do Paraguai.

Ao terminar esta minha apreciação, desejo expressar minha convicção de que um dia a História fará justiça àqueles que participaram daquela marcha da morte, de dois anos de duração.

Abstract: One of greatest epopees of the history of Brazil. The author narrates the march unertaken by a body of troops, part of which was a contingent from the Military Police of Minas Gerais, named "The Great Brigade from Minas Gerais," by the Viscount of Taunay, during the war with Paraguay. He also gives an account of the difficulties faced by the troop during the two-year march, considered one the most glorious achievements in the history of Brazil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Marcha das Forças – Visconde de Taunay.
Dias de Guerra e de Sertão – Visconde de Taunay.
No Mato Grosso Invadido – Visconde de Taunay.
Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai – General Paulo de
Queiroz Duarte.
Memórias – Visconde de Taunay.
Pequena História da Guerra do Paraguai – Anatólio Alves de Assis.